

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

REGINALDO DA LUZ PUJOL FILHO

SÓ FALTOU
O TÍTULO

Porto Alegre
2015

REGINALDO DA LUZ PUJOL FILHO

SÓ FALTOU O TÍTULO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, área de concentração Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena

Porto Alegre
2015

REGINALDO DA LUZ PUJOL FILHO

SÓ FALTOU O TÍTULO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, área de concentração Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil – PUCRS

Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena – PUCRS

Prof. Dr. Ricardo Lísias Aidar Fermino – UNIFESP

Porto Alegre
2015

RESUMO

Este é um trabalho de Escrita Criativa. Portanto, começa com uma narrativa ficcional, *Só faltou o título* (sim, este é o título), sobre o qual não oferecerei informações aqui, pois há leitores que não gostam de saber nada antes de ler; pois isto é um resumo, não uma orelha de livro; pois há correntes que dizem que pouco importa o que o autor tem a dizer sobre o livro. Mas ainda assim gostaria de dizer que vejo esta obra como uma narrativa e também como uma pesquisa sobre temas que me são caros na produção de ficção e na observação das coisas do mundo. Segue-se a *Só faltou o título*, o ensaio *O escritor encaixotado – Ou quem quer ser escritor no Brasil e outras perguntas para personagens que não existem*. Este ensaio parte da observação de algumas peculiaridades do personagem Edmundo Dornelles, de *Só faltou o título*, para refletir sobre a figura do escritor no país, sobre a figura que proponho do Escritor Encaixotado e outros temas do campo literário brasileiro no século vinte e um.

PALAVRAS CHAVE: *Escrita Criativa, Narrativa Ficcional, Verossimilhança, Personagem, Campo Literário*

ABSTRACT

This is a Creative Writing project, therefore it starts with a fictional narrative: *Just the Title's Missing* (yes, this is the title), about which I will not offer any information because there are some readers who don't like to know anything before reading; and because this is an abstract and not a book flap; and because some currently believe that it doesn't matter what the author has to say about their book. But, even so, I would like to say that I not only see this project as a narrative but also as research into themes that are dear to me in the production of fiction and in the observation of the world. *Just the Title's Missing* is followed by the essay *The Boxed Writer – Or Who Wants to Be A Writer in Brazil and Other Questions for Characters Who Don't Exist*. This essay starts with my observation of some of the peculiarities of the character Edmundo Dornelles, the protagonist of *Just the Title's Missing*. Such peculiarities reflect upon being a writer in Brazil, about this Boxed Writer image that I suggest and about other themes within the Brazilian literary field of the twenty-first century.

KEYWORDS: *Creative Writing, Fictional Narrative, Verisimilitude, Character, Literary Field*

SUMÁRIO

Introdução (Ou um desafio).....	07
Só Faltou o Título (narrativa ficcional).....	09
Ensaio: O Escritor Encaixotado.....	269
Referências.....	311
Bibliografia Afetiva.....	314
Agradecimentos.....	316

INTRODUÇÃO

(Ou um desafio)

Numa área acadêmica chamada Escrita Criativa, engatinhando bravamente (todo bebê que engatinha quer mesmo é ficar de pé, caminhar e correr) na universidade brasileira, tudo cheira, tem sabor de desafio: da obtenção da confiança do resto da academia, das apresentações em congressos, da conquista de bolsas, até esse singelo momento: a escrita de uma introdução, sem a qual não se configura uma dissertação de mestrado.

Então, peço a você, leitor, que entenda que, mais do que uma introdução, este é um desafio. Pois se tenho objetivos, hipóteses e conclusões que nortearam a escrita da narrativa *Só faltou o título*, que compõe grande porcentagem deste volume que você tem em mãos, saiba de uma coisa: não quero aqui revelar meus objetivos, hipóteses e conclusões. Porque quero que você leia este trabalho como quem lê um livro. Porque gostaria de conhecer novas hipóteses e conclusões (ou perguntas) sobre este meu projeto. Porque não quero que você leia fazendo um check-list para verificar se eu cheguei lá. Façamos esse acordo? A título de introdução apenas digo que você conhecerá Edmundo Dornelles (e dizer no que ele trabalha e o que ele sonha talvez já antecipe questões demais), suas preocupações, alguns questionamentos estéticos dele e outros meus (claros, sou o autor, não vou tirar o corpo fora). Mas, mesmo eu dizer o que atormenta Edmundo, ou o que me moveu na direção dessa escrita talvez já seja antecipar demais (há leitores que preferem não saber nada antes de ler, e eu respeito isto).

Após *Só faltou o título*, você vai encontrar a segunda parte deste trabalho, o ensaio *O Escritor Encaixotado – ou Quem quer ser escritor no Brasil e outras perguntas para personagens que não existem*. Este sim posso antecipar um pouco: traz reflexões sobre minha experiência e observação do campo literário, como alguém que frequentou oficinas, pós-graduações, editoras independentes e, sem muito estardalhaço, já participou de alguns eventos literários. A isso somo ideias sobre a composição do personagem Edmundo Dornelles, leituras de Sérgio de Sá, Pierre Bourdieu, Charles Kiefer, Regina Dalcastagnè, e proponho algumas leituras, ideias e perguntas sobre o fetiche do ser-escritor no Brasil,

sobre nosso campo literário e sobre essa figura pouco, ou até hoje não falada, o Escritor Encaixotado.

Sem mais delongas, espero que você tenha o prazer de ler *Só faltou o título* como leria uma outra narrativa comprada na livraria, retirada na biblioteca. E que a leitura do ensaio também seja proveitosa. Eu gosto muito quando os ensaios são assim para mim.

2ª PARTE: ENSAIO

O ESCRITOR

ENCAIXOTADO

O ESCRITOR ENCAIXOTADO OU QUEM QUER SER ESCRITOR NO BRASIL E OUTRAS PERGUNTAS PARA PERSONAGENS QUE NÃO EXISTEM

1. Atenção:

Esta pessoa, na foto¹ abaixo, não é um personagem de ficção. Na verdade, é também. Mas, para início de conversa e de ensaio, é preciso saber: ele existe, mas você não vê.



Porque ele está escondido atrás de uma pilha de caixas; às vezes está mesmo dentro de uma caixa, entre traças e poeira, respirando o pó dos livros e

¹ Todas as fotos que compõem este ensaio foram clicadas por Jajá Menegotto. Brigado, Jajá.

um tanto de ressentimento. Este sujeito (ou milhares de sujeitos) eu já conhecia, acho até que conhecia bem, acho mesmo que poderia ter sido um, porém só fui me dar conta da sua existência ao longo da escrita do romance *Só faltou o título*, que dá corpo à minha dissertação de mestrado em Escrita Criativa. Mas esta figura, aviso, está querendo a sua atenção, deseja o seu tempo, sonha com o seu elogio, está pedindo o seu olhar. Mas você não sabe disso. Você não vê isso.

E, ironia ou não, por mais que isso possa irritar este sujeito que vive entre caixas e ilusões, como sempre acontece com ele, não vamos dar atenção a ele agora. Antes de defini-lo, antes de entendê-lo, quem sabe possamos falar sobre escritores, sobre querer ser escritor no Brasil, neste país tão sem leitores, querer ser escritor no Brasil. Eu quis, talvez você, que está lendo esta dissertação (por isso mesmo) também queira. Então vamos começar por estes outros assuntos. Nosso amigo pode esperar. Quem sabe eu volto a falar sobre ele se, depois de algumas páginas e ideias, conseguirmos enxergá-lo por trás das caixas. Por ora, falemos sobre ser escritor.

2. Então, quem quer ser escritor?

“O que significa ser escritor num país situado na periferia do mundo, um lugar onde o termo capitalismo selvagem definitivamente não é uma metáfora? Para mim, escrever é compromisso”², perguntou e respondeu o escritor Luiz Ruffato ao iniciar seu discurso que abriria a Feira do Livro de Frankfurt de 2013, na qual o Brasil foi o país homenageado. Não pretendo enfrentar neste ensaio as mais variadas possibilidades de discussão a que a indagação de Ruffato e o todo do seu discurso se prestam. Muita gente já fez isso.

Aqui nesta primeira parte do texto teórico de minha dissertação em Escrita Criativa, após o leitor (se teve acesso à ficção e seguiu a ordem do índice) ter acompanhado a jornada de Edmundo e seus desejos de escrita e literatura, as

² RUFFATO, Luiz. *Leia a íntegra do discurso de Luiz Ruffato na abertura da Feira do Livro de Frankfurt*. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463> . Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

palavras ditas por Ruffato servem tão somente como mola para novas perguntas. Por exemplo:

- A indagação do escritor mineiro, em seu tom e postura, sobre os significados da escrita literária, hoje no Brasil, será a mesma que se fazem outros escritores independente de suas posições no campo literário?

- E a resposta, “compromisso”, seria a mesma que eu, o leitor – se por acaso escreve –, outros escritores, dariam para tal questionamento?

Tenho a impressão de que tanto a pergunta como a resposta de Luiz Ruffato – e não vai aqui nenhum questionamento à sua fala – são possíveis apenas a partir de sua posição. A posição de um escritor reconhecido, respeitado – ninguém ocupa a posição que ele ocupou de graça –, com voz e espaço não só para se manifestar, mas para propor esse tipo de reflexão.

Mas não é de Ruffato que se quer falar aqui.

É da ideia de ser escritor.

E acho que poderíamos somar à pergunta de Ruffato, então, a questão formulada já um tempo antes por Silviano Santiago, e que é citada por Sérgio de Sá em seu *A reinvenção do escritor*:

Tendo passado pela experiência do cinema enquanto arte, tendo reconhecido a sua atualidade e função política, tendo percebido os exageros e inconveniências da indústria cinematográfica para a arte do cinema, tendo compreendido as transformações que ele, juntamente com outras artes que se produzem e se reproduzem tecnicamente, gerou no seio da discussão estética no século XX, por que alguém ainda decide ser escritor?³

A pergunta é: mais do que *o que significa* ser escritor em um país como o Brasil – periférico e marginal em variados sentidos, inclusive no campo literário e na formação de leitores –, *por que* ser escritor em um país com baixíssimos

³ SANTIAGO, Silviano apud SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 30.

índices de leitura e alto desinteresse pelo objeto livro, em especial pela literatura de ficção?

Rubem Fonseca, na sua crônica *O romance morreu*, relata que teve acesso a uma pesquisa a respeito de hábitos de leitura realizada com universitários brasileiros, na qual alguns números gritavam para ele, como, por exemplo, “trinta e seis por cento dos pesquisados nunca, repito, nunca haviam lido sequer um livro de ficção. Uma minoria lia um ou dois livros de ficção durante o ano. Um número grande lera apenas um livro a vida inteira”.⁴ E somando-se ao comentário de Rubem Fonseca, é sempre bom lembrar que esta realidade nacional tem como cenário algo mais amplo, o “Mundo dos *mass media*. Ele está aí, diante dos nossos olhos, enquanto a literatura busca alternativas para não desaparecer”.⁵ Quer dizer, além de uma realidade nacional historicamente desfavorável à escrita de ficção, há todo um contexto global potencializado nas últimas décadas, no qual estamos todos mergulhados, e a literatura, talvez, submersa; um cenário dominado não só pela indústria cultural, mas em especial pelos meios de comunicação de massa, pelas tecnologias da informação e pelo fetiche do novo e, em consequência, dominado pelo fenômeno da obsolescência quase instantânea de tudo, do seu smartphone ao último lançamento da Companhia das Letras. Como diria a música de Marcelo Janeci, mas com menos metafísica e mais pragmatismo, “a gente é feito pra acabar”.

Pois, nesse cenário, refaço a pergunta: por que alguém quer ser escritor? (e muitos querem, cada vez publica-se mais.)

As respostas seriam múltiplas.

Eu poderia me abraçar em Nancy Huston e em sua hipótese de que somos, nós humanos, narradores congênitos. “Se as ficções com personagens são onipresentes na nossa espécie, é porque nós próprios somos personagens das nossas vidas (...) A especificidade da nossa espécie é que ela passa a vida toda representando a sua vida”⁶, diz a romancista e ensaísta em uma visão que,

⁴ FONSECA, Rubem. *O romance morreu?* In: *O romance morreu: crônicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 9

⁵ SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 13.

⁶ HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 113.

de certo ponto de vista, a aproxima da ideia aristotélica, exposta na *Poética*, acerca da tendência humana para a imitação.⁷ Porém, talvez a diferença entre a escritora e o filósofo grego seja que Huston, em um resumo apressado que faço de suas ideias, queira afirmar que, mais do que imitar, temos tendência a criar e a atribuir sentidos o tempo inteiro, desde a escolha do nome do filho até as grandes narrativas da cultura. Assim, qualquer ser humano estaria predisposto a criar e narrar histórias pelo simples fato de ser um humano.

Se eu decidisse trilhar este caminho, não conseguiria, mesmo assim, explicar por que alguém embesta em ser escritor no Brasil. A tendência fabuladora pode ser direcionada e ter vazão em outros espaços que não em um livro. Ora, pode-se sonhar com a escrita para o cinema, para a televisão ou produzir vídeos para a internet, ou criar quadrinhos, ou simplesmente dar vazão a essa tendência fabuladora autonarrando-se nas redes sociais – o que, de fato sabemos, vem acontecendo bastante. Quer dizer: se somos uma espécie fabuladora, isso não quer dizer que sejamos uma espécie escritora.

Sei que, descartando esta hipótese e refazendo a pergunta, haverá todos aqueles que dirão que escrevem porque precisam, ou para dar sentido ao mundo sem sentido, e tantas outras manifestações subjetivas que você já leu ou ouviu, e eu também. Ainda assim, nada disso explica a necessidade de ser escritor no sentido de ansiar publicar romances, contos, poemas na forma de livro. E acredito que dificilmente haverá uma resposta infalível e unânime para este porquê no qual martelo como uma criança, por que, por que, por que, aqui.

Entretanto, proponho a leitura de um trecho de Charles Kiefer (do qual gosto muito):

Um escritor somente é escritor quando menos é escritor, no instante mesmo em que tenta ser escritor e escreve (...)

Depois, já é o primeiro leitor, o primeiro crítico de si mesmo e não mais escritor.

Explodida a bolha de sabão em que planava, começa a surgir o autor, essa derivação vaidosa e arrogante do escritor.

É o autor que imagina o efeito que seu texto produzirá sobre os outros, sobre a sociedade; é o autor que sente prazer em ver seu nome estampado na capa de uma obra qualquer; é o autor que se regozija com um comentário positivo da crítica, que se enfurece com um comentário negativo.⁸

⁷ ARISTÓTELES. *Poética*. In: *Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural, 2004, pp 35-75.

⁸ KIEFER, Charles. *Ser escritor*. In: *Para ser um escritor*. São Paulo: Leya, 2010, p. 7.

Repito: gosto dessa reflexão do Kiefer. E, por causa dela, peço licença para um pequeno depoimento pessoal:

INTERLÚDIO SUBJETIVO #1

Trabalhei como redator em agências de publicidade e propaganda por mais de dez anos. E, em especial, depois da publicação do meu segundo livro (e, claro, após ter aparecido nos principais meios legitimadores do campo literário gaúcho, tais como Zero Hora, rádios do grupo RBS, TV Com, autógrafo na Feira do Livro, etc.), passei a ser “O Escritor” da agência na qual eu trabalhava. Funcionava assim: em reuniões de apresentação de campanha, quando eu era apresentado a algum cliente, era da seguinte forma:

– Ah, Cliente, e esse é o Reginaldo, o nosso escritor, que é o redator da conta de vocês – dizia o atendimento.

Ou, então, quando um cliente ou prospect ou fornecedor estava em visita à empresa, e um diretor da agência ou atendimento de contas passeava com ele pelos setores, como se estivessem caminhando por Paris, “agora, à sua esquerda você pode ver...”, alguns desses diretores e atendimentos começaram a desenvolver o hábito de apontar para mim, e dizer algo como:

– E aquele é o Reginaldo, o redator, que também é escritor.

E atenção: sei como funcionam as coisas em agências e por isso sei que o “ele é escritor” falado baixinho não era um alerta, um cuidado com os escritores, eles são perigosos, ou eles mordem, ou isso pode ser contagioso. Não. Se um diretor ou atendimento de uma agência diz para um cliente ou visita que tem um escritor ali naquela mesa, pode ter certeza de que ele acha que isso é algo pelo qual valha a pena se exhibir: temos sede própria, dezenas de prêmios naquela prateleira e, ali, um escritor. Uma espécie de bibelô intelectual para a empresa. E fim de interlúdio subjetivo.

Não sei a que atribuir esse falso valor ainda observado no substantivo – por vezes até mais adjetivo do que substantivo, afinal, ele é escritor – “escritor” em nossa sociedade. Quando digo falso valor, é porque o “ele é escritor”, recebe

um “oh”, gera olhos arregalados de admiração, porém, na maioria das vezes, não recebe valor de fato. Todos sabemos de cor o lugar-comum: ninguém vive de livros no Brasil, etc. Mas, voltando ao opaco verniz do ser-escritor, certamente há aí um resquício romântico da figura do literato, do homem de letras, e quero crer que também tenha algo de um recalque coletivo de uma sociedade tardia e parcamente alfabetizada, na qual, até há um século, saber ler e escrever o próprio nome era um privilégio. Que dirá então publicar livros. Há, nos que admiram aquele que é escritor, uma visão quase sagrada, que poderia remeter ao texto de Barthes, *O escritor em férias*⁹. Quero dizer, a percepção do ser-escritor não como uma escolha (trabalhar como engenheiro, médico, advogado ou escritor), mas como um acontecimento sobre o sujeito, uma condição inescapável. Onde é tão difícil para a média das pessoas entender *escrever* como profissão (a não ser como de fé), pois a profissão é algo eletivo e abandonável, passível até de demissão. Sou contador no escritório, mas deixo este personagem no escritório ao fim do dia. Enquanto o ser escritor é uma condição permanente, não haveria como chegar em casa não sendo escritor, tomar banho sem ser escritor, até mesmo dormir, há que se dormir na condição de escritor (até porque os sonhos, para muitos, são matéria para ficção e poesia). Aliás, apesar de Salinger, Raduan Nassar, Sérgio Faraco, alguém aí já ouviu falar de ex-escritor?

Mas quero crer que essa aura nada benjaminiana, que reluz sem ser ouro ao redor do escritor, é parte da construção da figura vaidosa e arrogante do autor, aquele que deriva do escritor, para continuarmos com as ideias do Kiefer. E mais: arrisco dizer que hoje (e talvez sempre), em função desse duvidoso brilho, há mais pessoas ansiando por ser autor do que por ser escritor, tomando a definição do Kiefer. Ou, simplificando, há mais desejo de ser escritor (ser reconhecido como tal) do que de escrever. Até porque paira a sensação de que o Brasil experimenta uma espécie de ressurreição do autor – se é que algum dia ele de fato morreu do lado de fora da universidade. Do discurso do Ruffato em Frankfurt e reverberado nos principais jornais do país, passando pela explosão de FLIPs, FLAPs, FLOPs, FLUPs na primeira década desse século (e tantos outros eventos literários), até o contato direto do escritor/autor com o público

⁹ BARTHES, Roland. O escritor em férias. In: *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2001, pp. 23-25.

(não necessariamente leitor, é preciso ter isso bem claro) pelas redes sociais, a cotação da função autor parece estar bastante em alta no mercado e no campo literário.

Basta pensar que, há uma década, eram raras as agências literárias no país; hoje, não fosse suficiente a multiplicação destas empresas (eu mesmo sou agenciado), já vivemos a especialização no setor a tal ponto que surgem agências dedicadas, entre outros serviços, à contratação de autores especificamente para eventos literários, como é o caso da agência Oasys Cultural (<http://oasyscultural.com.br/feiras-de-livros/>). Se este fato não dá conta do polimento no brilho da função autoral no Brasil, peço licença para mais um interlúdio subjetivo:

INTERLÚDIO SUBJETIVO #2

No segundo semestre de 2014, meu orientador, o Professor Ricardo Barberena solicitou minha colaboração para fazer contatos e convidar escritores contemporâneos brasileiros para virem dar cursos breves na PUC-RS. Um detalhe importante é que, desconstruindo a praxe praticada por muitos anos (e ainda hoje não tão rara assim) de oferecer como ganho ao convidado a oportunidade imperdível para o autor “divulgar sua obra e seu trabalho” seja junto à academia, seja junto ao público, nossa postura em relação aos escritores era de fato profissional: além da estadia e das passagens, oferecia um cachê bastante razoável por dois dias de curso. Digamos assim, mais que um salário mínimo. Líquido. Remuneração pelo trabalho. Pois, em um processo que começou nos primeiros dias de setembro e só foi encontrar desfecho no meio de outubro, oito escritores negaram o convite. O motivo? Com a exceção de um que estava escrevendo seu próximo livro e não queria distrair-se, os demais não conseguiam encaixar o nosso convite em suas agendas de eventos comprometidas com viagens nacionais e internacionais. Fim do interlúdio.

Parece-me inegável que há uma valorização sem precedentes da figura do escritor hoje no Brasil – ainda que levemos em conta a subvalorização da

literatura em si e o tamanho nanico da ilha onde este “espetáculo literário”¹⁰ se desenvolve. Diz Sérgio de Sá sobre entrevistas feitas com escritores – mas esse depoimento pode ser ampliado para a ideia de resenhas e outras presenças do autor na mídia:

Vale enfatizar que, na entrevista mediática em país latino-americano, o primeiro leitor da obra (entrevistador) é também seu último leitor. O autor responde já a uma primeira impressão de leitura. Se o entrevistador não leu a obra, a manipulação ganha força nas mãos, ou melhor, na voz hábil do entrevistado. A entrevista cresce como gênero literário em tempos de pouca leitura de livro. Cito Silviano Santiago: Se num país de mais de cento e cinquenta milhões de habitantes é baixíssima a taxa de consumo per capita do livro, já a fala de quem exerce o ofício literário pode ser sintonizada sem graves empecilhos na mídia eletrônica – em especial na televisão educativa e na televisão a cabo, mas não exclusivamente. Concedida aos pares da mídia televisiva, a entrevista serve muitas vezes ao escritor de trampolim para discussões públicas sobre ideias implícitas na obra literária. O livro é raramente apreciado pela leitura. Consome-se a imagem do intelectual, assimilam-se suas ideias, por mais complexas que sejam.¹¹

Talvez haja um radicalismo aí. Mas a ideia do escritor na mídia, por mais que diminuam os espaços dos tradicionais cadernos culturais, certamente é um motor e um combustível para um certo tipo de aspirante (ou já nem mais aspirante) a escritor. Lembro-me de quando comecei a frequentar oficinas literárias. O fiz porque gostava de escrever. E ponto. Aliás, na verdade, comecei a frequentar porque fui convidado por um amigo meu, que sabia do meu hábito de escrever em casa quase diariamente. Querer publicar um livro, participar de eventos do circuito literário, digo que não pensava nisso. E que tais questões só me vieram mais tarde. Meus colegas daquela época não eram muito diferentes. Pode ter sido coincidência.

Porém hoje, coincidência ou não, em minha experiência como aluno de oficina até 2011 e tendo ministrado alguns cursos aqui e acolá, além do convívio com quem começa a publicar nos últimos dois, três anos, vejo algo que me parece um desejo não de escrever (ou quem sabe, não radicalizando, de não simplesmente escrever como um fim). Mas um desejo de escrever para publicar e ser escritor em Paraty, na Bienal e, oh, em Frankfurt ou Paris. Essa vida de

¹⁰ SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 21.

¹¹ IDEM. *Ibidem*, p. 150

autor como causa e não como consequência. O mito do escritor profissional envolvido com viagens e eventos que vem ganhando espaço no imaginário (e não apenas nele) seduz os que observam este fenômeno de fora (embora não seja unanimidade entre os que o vivem na pele, como se pode depreender de recente matéria do jornal O Globo¹²). Posso estar errado, mas acho que não.

Mas antes que este ensaio desvie e se perca em uma discussão sobre a profissionalização do escritor, o que não é o meu objetivo, peço ao leitor que fiquemos com esse breve resumo até aqui:

1) a posição do escritor ainda hoje é fetichizada, mesmo num país com média de leitura abaixo de dois livros por ano (incluindo didáticos);

2) dentro do campo literário, ou ente aqueles que desejam adentrar o campo, esse fetiche se potencializa exponencialmente nos últimos anos em função do fortalecimento do sistema literário nacional, mas também como resultado do culto da imagem, da personalidade, da celebridade, uma não exclusividade do sistema literário, como qualquer portal de notícias pode nos demonstrar nesse exato momento. Ser celebridade é profissão; ser celebridade literária é um meio de se manter publicando e vendendo um pouquinho mais de livros: “Hoje, muitas vezes, você acaba mais conhecido por sua desenvoltura diante das plateias do que pelo que escreve. Essa coisa de ir ao palco e entreter, arrancar lágrimas, risadas, aplausos... Algumas vezes é só o que se espera do autor, que ele seja um Sílvia Santos”¹³, diz o escritor Paulo Scott, fechando a conta sobre esse assunto.

Dentro desse cenário, de silviossantificação do escritor nacional com seus consequentes efeitos fetichizantes, penso que vão se estabelecendo algumas categorias do ser-escritor no Brasil, que vão um pouco além da dicotômica divisão entre de-vanguarda e que-vende proposta por Bourdieu na sua definição de campo literário, entendendo-se como de-vanguarda aquele que é reconhecido por seus pares e o que-vende como aquele que é reconhecido porque faz sucesso com vendas fora das fronteiras do campo literário¹⁴. Até

¹² TORRES, Bolívar. *Autores discutem prós e contras da exposição em eventos literários*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/autores-discutem-pros-contras-da-exposicao-em-eventos-13540795>. Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

¹³ SCOTT, Paulo apud TORRES, Bolívar. *Ibidem*.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

porque, se há um Paulo Coelho no Brasil (e toda a infinita discussão sobre sua classificação como literatura ou não), de resto, os vendedores de livros no país (tomando-se como parâmetro as listas de mais vendidos) não pertencem ao campo literário. Talvez pertençam a um campo editorial – se é que existe –, a um mercado editorial, sim, um mercado, no qual entendemos a impressão, a distribuição e a venda de livros, independente do conteúdo que vai nas páginas (religião, gastronomia, autoajuda), como um negócio igual a outro qualquer. Mas, se prestarmos atenção ao “literário” que adjetiva a expressão campo literário e restringirmos os escritores aí inseridos aos que escrevem literatura (ficção, poesia e ensaio), a divisão vanguarda versus sucesso comercial não se aplicaria no Brasil. Ou só muito relativamente. Uma tipologia rápida e rasteira, fruto da movimentação e observação do que se passa no campo literário, me faz pensar em, pelo menos, três tipos de escritor, que, de certo modo estão em diálogo – porém com algumas diferenças – com a classificação proposta por Silviano Santiago (o recordista, o romancista de qualidade e o intelectual participante) comentada por Sá¹⁵. Vamos aos três tipos:

- 1) O escritor de vitrine: aquele que nem precisa passar pela silviosantificação do escritor nacional. Pensemos em Chico Buarque. Irá a eventos se quiser. Dará entrevistas se quiser. Mas seu recente *O irmão alemão* já está exposto em todas as vitrines e, me disse uma vidente, venderá bem. São casos mais raros, raríssimos, talvez possamos pesar também em Luis Fernando Verissimo, João Ubaldo antes do seu falecimento.
- 2) O escritor de palco: a maioria dos autores hoje reconhecidos no nosso campo, que circulam o país em festivais literários, eventos locais, dão entrevistas e, se não o fizerem, sem juízo de opinião sobre sua produção, terão menos leitores, não serão expostos junto com Chico Buarque nas vitrines, e não serão convidados para eventos e entrevistas, e terão menos leitores e etceteras. O espectro aqui é enorme, e uma análise detalhada e específica deste tipo encontraria

¹⁵ SANTIAGO, Silviano apud SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 35.

diversas categorias específicas, a partir de temáticas, idades, discursos, posturas, radicalismos ou não, mas não é o caso aqui.

- 3) O escritor marginal ou quase isso: fala-se muito de Marcelo Mirisola quando se quer pensar nesse rótulo hoje em dia. Mas a verdade é que Mirisola já vai para quase dez livros publicados, muitos deles, inclusive seu mais recente, pela editora 34, uma casa respeitada no mercado editorial e no sistema literário. Ainda assim são aqueles que não têm acesso, ou têm pouco acesso aos eventos, à mídia, ou que afrontam este sistema, e estariam mais próximos dos autores de vanguarda de Bourdieu na sua postura desinteressada pelo sucesso.

Talvez haja mais tipos e talvez essa seja uma sugestão de pesquisa ou sistematização a ser desenvolvida: uma tipologia dos escritores que se movimentam no campo literário brasileiro no século 21, ampliar as tipologias de Bourdieu e Silviano Santiago. Não é o caso aqui. Aqui o caso é que não podemos deixar de perceber que, embora seja possível diferenciar rapidamente os escritores (quase numa brincadeira leviana), há um fato inquestionável que unifica todos eles. É que, mesmo negando o campo, rasgando suas regras, batendo de frente com ele, todos estão, queiram ou não, dentro do campo literário. Como diriam os personagens de *Pôquer interminável*, do Luís Fernando Verissimo: “Ninguém sai. Ninguém sai”¹⁶.

Mas e alguém entra?

É a partir dessa pergunta, se alguém entra, que ousou dizer que, ao escrever a narrativa *Só faltou o título*, mapeei, quase sem querer, um personagem novo, não discutido na vida real e tampouco representado nas páginas dos livros. E que se relaciona com tudo o que foi conversado até aqui. Sim, exato, aquele sujeito encaixotado do começo do ensaio. Ele está feliz (ou um pouco menos amargo), pois reparamos nele. Falemos dele, pois.

¹⁶ VERISSIMO, Luis Fernando. *Pôquer interminável* (I). In: *O analista de Bagé*, Porto Alegre: L&PM, p. 114.

3. Branco, classe média, adulto, escritor. E excluído

Para você, que começou esta leitura pelo ensaio, ou para quem só teve acesso ao ensaio que acompanha o romance *Só faltou o título*, proponho que, antes de mais nada, leia dois trechos breves da narrativa. Se você já leu o texto ficcional, tudo bem. Ainda assim, releia estes trechos, por favor, para depois seguirmos a conversa:

(...) país que por mim poderia explodir neste exato momento, arrebatando com William Bonner, Gusmão, Editora Record, livreiros ignaros, Milton Hatoum, Moacyr Scliar, Dalton Trevisan, Silviano Santiago, Amílcar Sei lá o Quê, Marcelino Qualquer Coisa, Luiz Ruffato, João Noll e todos os queridinhos da imprensa e estas caixas todas,

estas caixas,

estas caixas,

estas caixas,

estas caixas empilhadas à minha frente, catso, as outras na cozinha, se Babi houvesse perguntado, sim, minha cara, é nisso também que estou trabalhando, Babi: no que fazer com estas caixas, deixá-las caírem sobre mim, soterrarem-me, ah, Gusmão, seu grandessíssimo picareta, sequer me atendeste, puseste aquela boneca autômata a falar comigo, provavelmente sentada no teu colo, vagabunda, Desculpe senhor Edmundo, mas se o senhor estiver conferindo o contrato vai estar vendo que não nos responsabilizamos pela distribuição nosso foco é a produção em alto nível de materiais gráficos de primeira quali, então por que fazem livros, larápios, acaso tenho cara ou jeito de caixeiro viajante ou testemunha de Jeová para sair batendo de porta em porta comercializando meu romance? Acham que pareço um hippie cabeludo e pederasta para sair vendendo livros, incenso e badulaques naqueles botequins insuportáveis e insalubres da Cidade Baixa que a Babi achava o máximo frequentar? Eu tenho que escrever, produzir, não comercializar, meus caros estelionatários, e quantos livros haverá nessa parede postiça que se ergue à minha frente e tanto incomoda a sensibilidade decoradora de minha companheira, Isto tem que sair um dia daí; Ai de ti que invente de publicar mais um livro; Agora deu né Ed, e o que me aflige não é o repetitivo discurso de Babi, é ter que admitir que ela tem razão: não sei o que fazer com estes livros, devem ser quase mil, se os picaretas não me trapacearam também no número de volumes impressos, não

duvido, é uma hipótese setecentos por cento plausível. Sinto que fui enganado por meu editor.¹⁷

E agora este trecho:

Fique à vontade para decidir vou atender o telefone, e lá vai ele extorquir alguém do outro lado da linha, vinte reais, apenas quatro livros,

$$48 \times 5 = 240,$$

quicá eu possa propor-lhe então que fique com toda a caixa de livros por este ominoso custo unitário, já será alguma coisa, humilhante, é verdade, pornográfico, obscenamente humilhante, entretanto não posso esquecer: é nas livrarias de segunda mão onde circulam os verdadeiros amantes da literatura, não é nos shopping centers, nas grandes boutiques de livros, lá estão as Tatianas Fagundes, os chulos que creem que sacolas de livrarias e grossos volumes coloridos embaixo do braço maquiam sua horripilante estupidez, aqui não, eu mesmo, nos tempos dos bancos acadêmicos, fui frequentador de sebos, era o que me restava, outros grandes leitores aqui circularão, é possível querer compreender este desconto aviltante como um investimento, aqui *Herança dos mortos* alcançará as mãos certas, os leitores atentos, não os imbeciloides de barbichinhas e brincos e calças rasgadas os quais frequentam aquele antro da Palavraria, onde primeiro disseram-me que nenhum livro havia sido vendido em quase um ano, então, perguntados onde estavam meus livros, saíram-me com essa: Está no estoque. Quase lhes disse que exigia que os colocassem na vitrine naquele exato instante, porém o outro me perguntou se preferia retirá-los da loja, ora, vê-se que não sabe nada, meu bom hippie barbudo, dei-lhes uma chance, mês que vem retorno lá, contudo aqui, chamo o meu e meu miserável Cointet, digo-lhe que Tenho uma contraproposta, enquanto ponho minhas cartas na mesa observo seu cenho franzir e, Não é um bom negócio para mim não tenho uma caixa nem de Harry Potter aqui, ele redargui com sutil ironia e preciso manter meu controle, ora, Harry Potter, não faço ideia do que seja esta asneira, contudo é inadmissível tal comparação, tenho certeza disso, ele retoma a palavra, diz que me compra cinco livros e, se eu quiser, posso trocar mais cinco, Por três daquele balaio, aponte-me uma caixinha amontoada de livros. Vinte e cinco reais, dez livros a menos, preciso de uma bebida, de um bom Hilton, isso já foi longe demais,¹⁸

Para falar deste personagem e tipo de escritor não mapeado, gostaria de lembrar da pesquisa *Personagens do romance brasileiro contemporâneo*. Este estudo que foi levado ao conhecimento do grande público em 2012, trouxe à luz,

¹⁷ PUJOL FILHO, Reginaldo. *Só faltou o título*. Dissertação (Mestrado em Letras/Escrita Criativa) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015 (previsão), pp. 77-78.

¹⁸ IDEM. *Ibidem*, pp. 90-91

entre outros dados levantados, uma informação que foi bastante explorada na época. Alguns trataram o dado com curiosidade, outros com surpresa, mas o fato é que ganhou bastante espaço a seguinte constatação: observando-se as principais ocorrências em cada tabela da pesquisa, o personagem do romance brasileiro contemporâneo poderia ser descrito como um sujeito que é do sexo masculino, branco, de classe média, idade adulta e é escritor.

É escritor.

A responsável pela pesquisa, Regina Dalcastagnè, especula razões para esse resultado, dizendo que provavelmente “reflete a tendência da literatura de se debruçar sobre o próprio fazer literário”¹⁹. Faz sentido. Mas esta observação também pode ser cruzada com algo que o professor e escritor Luiz Antonio de Assis Brasil não se cansa de repetir em aulas, entrevistas e artigos, ou seja, que “salvo exceções, as narrativas contemporâneas são escritas na primeira pessoa do singular” e que “a ‘escrita do eu’ torna-se esmagadora entre os escritores situados na faixa dos 20-40 anos”²⁰. E assim vamos chegando a um lugar comum que você já deve ter escutado em conversas sérias e em bate-papos de bar: há livros demais sobre escritores sendo produzidos hoje em dia. É um sentimento, julgo, recorrente em discussões sobre literatura contemporânea. Sérgio de Sá parece concordar com a constatação deste fenômeno e, a partir do olhar sobre obras tão distintas como as de Sérgio Sant’Anna e Marcelo Mirisola, entre outros observados no seu *A reinvenção do escritor*, refere-se ao

personagem-escritor, com hífen, indissociável imagem de alguém que se apresenta diante do leitor para encenar, geralmente em primeira pessoa, situações do artista latino-americano contemporâneo, pós-ditadura militar e em presença do que vem sendo chamado cultura mediática – e sua hegemonia.²¹

¹⁹ DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 41. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.

²⁰ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. A escrita do eu. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/10/luiz-antonio-de-assis-brasil-a-escrita-do-eu-4292500.html>> Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.

²¹ SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 26.

Em certo sentido, Sérgio de Sá lança uma luz – entre tantas possíveis – sobre a emergência do personagem-escritor na literatura nacional. Outros diriam que é o ar do tempo, resultado da individualização; outros, que seria consequência do esgotamento da literatura de ficção. Sá, porém, muito menos apocalíptico e eu diria mais entusiasta desse gesto literário do que a média da crítica, chega até a perceber no personagem-escritor uma ação de resistência, uma estratégia, uma resposta artística possível ao contexto de fim e de início de século. Diz ele que “o escritor tenta reinventar seu lugar e construir sua história”²², além de propor que resta ao escritor “após a exaustão a que chegaram os movimentos vanguardistas, dobrar-se sobre a própria história do campo e, através do jogo do espelhamento, recuperar a representação”²³. Quer dizer, para Sá

O recorrente aparecimento do personagem-escritor na literatura latino-americana contemporânea encontra aí sua explicação e sua importância. O escritor trabalha para recuperar autoridade com plena consciência de que o autêntico que vem do que ele experimenta se mistura com o autêntico da experiência observada.²⁴

Sendo o personagem-escritor estratégia ou não, quero propor que você retome a leitura dos dois trechos do romance que abrem esta parte do ensaio, ou pelo menos que relembre o que se passa nas cenas. Edmundo Dornelles, revisor de textos e escritor (ou autor?) frustrado, remói algumas de suas decepções. Não há como negar, o protagonista da minha narrativa é alguém que escreve livros. Obtendo sucesso com sua escrita ou não, é um personagem-escritor. Frustrado, mas é. E sublinho este assunto porque tenho que confessar que pendo mais para a constatação de mesa de bar sobre um excesso de escritores narrando e recebendo papéis principais na literatura contemporânea do que para a visão de Sá, de um recurso ficcional elaborado e crítico da literatura contemporânea. Quase um movimento estético. É claro que, em alguns casos, isso se dá, a estratégia. Pensemos em Vila-Matas, mesmo que não seja brasileiro. Entretanto, na maioria dos casos, não vejo assim. E, por isso, no que

²² IDEM. *Ibidem*, p. 23.

²³ SÁ; PANIAGO apud SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 33.

²⁴ SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 82.

já deveria ser mais um interlúdio subjetivo neste ensaio, faço uma segunda confissão: muitas e muitas vezes me questioneei, enquanto pensava sobre o projeto de escrita de *Só faltou o título*: mas, Reginaldo, quer mesmo escrever mais um livro protagonizado por um escritor? Não tenho uma explicação melhor do que a força da ideia (ao menos para mim, é uma ideia que me atormentava já há anos) como o fator que me impelia a seguir pensando no livro e, depois de começado, a não parar sua escrita nem desistir. E acredito que uma ideia que persiste na cabeça por quase dez anos, se não for digna de ser escrita – nem que seja para livrar espaço –, é caso de terapia. Optei por escrever. Mas sempre me perguntando: será que tinha que ser com um escritor? Tinha. Se você leu o romance, sabe que não havia outra ocupação possível para Edmundo.

Contudo, nos últimos tempos, comecei a perceber uma característica desse personagem-escritor que talvez explique o porquê de eu nunca haver me preocupado tão profundamente por estar escrevendo mais um livro sobre um escritor a ponto de largar o trabalho.

Percebi, antes mesmo de pensar na diferenciação de escritores que rascunhei algumas páginas atrás, que eu estava escrevendo um livro com um protagonista homem, branco, de classe média e, sobretudo, escritor, mas que, ainda assim, contrariando estáticas e lugares-comuns, eu estava dando voz a um personagem excluído da literatura brasileira. E também, eu diria, do campo literário brasileiro. Sim, Edmundo Dornelles estaria no topo de todas as tabelas da pesquisa da professora Regina Dalcastagnè que mapeou o personagem brasileiro e, no entanto, encarna alguém não representado, ou muito pouco representado, em nossa literatura. Tentarei explicar.

Existe um grupo crescente e em expansão, senão no campo literário, na sua periferia. Uma turma que é pouco comentada, para não dizer que sequer é comentada. Por acaso, Regina Dalcastagnè, ao definir o recorte da sua pesquisa, tangencia este grupo, este personagem, ao argumentar que:

Não é possível equivaler um livro lançado por um romancista consagrado, comentado na grande imprensa, exposto nas livrarias, adotado nas universidades, com uma obra de edição caseira, distribuída apenas aos parentes e amigos do autor. Sem que haja aqui

qualquer julgamento de valor literário, esta última obra não gera efeitos no campo literário e, portanto, não pertence a ele.²⁵

E é justo dele que estou falando. Não do escritor reconhecido pelo sistema, mas deste autor de “edição caseira”, o tal que “não gera efeitos no campo literário”. Porém, e é aí que este personagem ganha relevância, é preciso lembrar que, já faz um tempo, a edição não é mais tão caseira assim. E só por isso figuras como Edmundo se tornam possíveis não só na minha escrita, mas no dia a dia, acredite-me. Este personagem, que poderíamos chamar, e fazemos assim – nem que seja para ele finalmente ser incluído em alguma tipologia –, de Escritor Encaixotado – em seguida você entenderá esta nomenclatura, se é que já não está ligando os pontos – mas esta figura, há algumas décadas, não existia, ou seria uma raridade, ou, no mínimo, teria um discurso um pouco diferente. Ou melhor, nos tempos pré-impressão digital, pré-eliminação do fotolito, pré-tantas evoluções da indústria de edição e impressão, ele seria provavelmente o Escritor de Gaveta ou o escritor engavetado pelas forças sinistras do campo literário. O típico gênio incompreendido, autor de inúmeros manuscritos jamais aceitos pelas editoras incapazes de reconhecer o seu talento. Aquele que se acreditava vítima da cegueira de uma época e que tentava crer silenciosamente que um dia seus escritos viriam a ser descobertos na posteridade. Mas que, na verdade, era vítima, muitas das vezes, de uma confusão apontada por Bourdieu:

a institucionalização da revolução permanente como modo de transformação legítima dos campos de produção cultural faz com que a vanguarda literária e artística se beneficie, desde o fim do século XIX, de um preconceito favorável baseado na lembrança dos "erros" de percepção e de apreciação dos críticos e dos públicos do passado: o fracasso pode, portanto, sempre encontrar justificativas em instituições oriundas de todo um trabalho histórico, como a noção de "artista maldito", que confere uma existência reconhecida à defasagem real ou suposta entre o sucesso temporal e o valor artístico.²⁶

Este antepassado de Edmundo, o Escritor de Gaveta, embora revoltado com o seu anonimato, ao menos podia iludir-se com o que descreve Bourdieu e,

²⁵ DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 25. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.

²⁶ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 248.

mais do que isso, apontar o dedo contra um grande e visível inimigo: as insensíveis editoras, o campo literário incapaz, que impediam que seu texto tomasse a merecida forma de um livro. Este sujeito, não raro, sufocado que estava pelo silêncio dos legitimadores, sequer sentia-se capaz de assumir-se publicamente escritor, visto que não tinha acesso ao documento de identidade do escritor: o livro impresso, com selo de uma casa editorial, ISBN e registro na Biblioteca Nacional. Para poder ser um escritor, ele entendia que precisava ser um autor (seguindo ainda a ideia de Kiefer sobre o autor como uma figura pública e vaidosa do escritor). E, para constituir-se em um autor, o Escritor de Gaveta intuía – e desejava – a legitimação do outro.

(Um parêntese: nas décadas de setenta e oitenta do século vinte, alguns Escritores de Gaveta decidiram agir sobre o campo literário, produzir efeitos, e se converteram em Escritores Marginais através da publicação de fanzines, livretos artesanais, a geração mimeógrafo, etc. E alguns desses marginais, hoje, habitam o sistema literário.)

Mas, fechando o parêntese, arrisco dizer que o típico Escritor de Gaveta não aderiu a este movimento. Xerox? Folhas Grampeadas? Vender de mão em mão? De jeito nenhum. Apesar de aceitar o epíteto de incompreendido, ele não quer lutar contra o sistema. Ele quer ser louvado pelo sistema, ser reconhecido romanticamente como homem de luzes, capaz de ombrear nas prateleiras das livrarias com aqueles que carregam a marca de escritor. Este personagem, acredito, tem seu quê do “zé-ninguém” nas palavras de Wilhelm Reich, “é seu próprio distúrbio psíquico, não algum poder superior externo [...] que o mantém embaixo”²⁷. Quer dizer, é também a sua inércia para gerar efeitos no campo, a resignação em projetar seus fracassos nos outros (editores, críticos, público leitor) que o mantém inédito. Porém, acima de tudo, o Escritor de Gaveta carregava um pouco, talvez muito, da ilusão de Luciano de Rubempré antes da sua queda em Paris. Relembremos.

Paris (...) As pessoas ilustres iriam dar-lhe o abraço fraternal. Lá, tudo sorriria ao gênio. Lá, nem fidalgotes ciumentos para humilhar o escritor, nem estúpida indiferença pela poesia. De lá brotavam as obras dos poetas, lá elas eram pagas e trazidas à luz. Depois de haver lido as

²⁷ REICH, Wilhelm. *Escute, zé-ninguém*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 22.

primeiras páginas do *Archeiro de Carlos IX*, os livreiros abririam seus cofres e lhe diriam: “Quanto quer?”²⁸

Eis o clima idílico que vejo no Escritor de Gaveta. Tinha anseios beletristas. Ah, se encontrasse sua Paris. Ah, se o deixassem publicar um livro. Ah.



*Ele sonha
com o dia
em que você
lerá um livro
dele; em que
os editores o
reconhecerão;
com a glória
literária.
Mas ele não
consegue
pensar fora
da caixa
das suas
ilusões.*

Mas os anos passaram.

E ocorreu, por conta dos avanços tecnológicos na área de impressão e editoração, um lento e silencioso fenômeno que transmutou o Escritor de Gaveta neste Escritor Engavetado do qual quero aqui tratar. E esta transformação explica-se: se o grande empecilho para o deslanchar de tantos supostos talentos literários era o fato de estarem impedidos de publicar um livro e, envaidecidos,

²⁸ BALZAC, Honoré de. *As ilusões perdidas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 82.

poderem fazer uma noite de autógrafos como diz Kiefer²⁹, esta questão foi solucionada, ou bastante suavizada, na última década. Como diz Sá, “Tem muita gente escrevendo e publicando (o que é pior)”³⁰ no século vinte e um. Isto é visível e perceptível. Mas infelizmente este sujeito, e suas circunstâncias, vive uma tal invisibilidade que parece eternamente escondido atrás das caixas de livros que mandou publicar (lembrem do “estas caixas, estas caixas, estas caixas” de Edmundo no trecho do romance algumas páginas atrás?), arquivado num sótão, num porão. Apresenta-se como uma figura invisível, mas tão invisível para o campo literário e para os pesquisadores, de modo que parece impossível encontrar dados oficiais e confiáveis sobre sua presença e seu histórico no mercado editorial. Mas é fato que, na primeira década dos anos 2000, houve um grande barateamento nos custos de impressão e produção de livros e muita gente aproveitou e segue aproveitando. Há escritores que dizem que estes custos caíram dez vezes, outros, menos afoitos, falam em diminuição pela metade. Talvez, para explicitar um pouco mais a questão, aqui seja o caso de mais um interlúdio subjetivo:

INTERLÚDIO SUBJETIVO #3

Em 2006, junto com a turma que eu frequentava na Oficina Literária Charles Kiefer, decidiu-se publicar uma antologia de contos dos colegas. É claro que houve uma intermediação do professor, o próprio Charles Kiefer que assinou como organizador da antologia e, poderíamos dizer, deu seu aval de qualidade para o editor. Quer dizer, não foi uma simples operação comercial de compra e venda. Teve o seu quê de avaliação. Todavia, o que importa aqui é que, se bem me lembro, em valores da época, pagamos, cada um dos 12 autores, trezentos reais para uma edição de mil exemplares. E assim fizemos uma noite de lançamentos, e autografamos, e servimos vinho e etcetera³¹. Não há dados, mas tenho uma memória sobre preços daquela época: quatro, quatro mil e poucos

²⁹ KIEFER, Charles. Ser escritor. In: *Para ser um escritor*. São Paulo: Leya, 2010, p. 8.

³⁰ SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 92

³¹ Lembro que tentamos também fazer um lançamento na Feira do Livro de Esteio. Sabe quantas pessoas apareceram para pegar o autógrafo dos novos escritores? Nenhuma.

reais, dependendo das vontades do autor quanto a acabamento e outros que-
tais. E este só não se tornou um livro encaixotado porque éramos doze
entusiasmados e estreantes autores, porque o Kiefer levou muitos alunos ao
lançamento e fez uma força para divulgar e, se bem que, pensando agora, ainda
tenho uma boa dúzia de exemplares desta antologia. Não sei sobre meus ex-
colegas. Talvez ainda tenhamos uma, duas caixas. Fim de interlúdio.

Com dados oficiais ou sem, acredite, nos anos 2000, publicar uma edição
do próprio livro passou a ser uma possibilidade acessível por valores que
oscilavam ao redor dos cinco mil reais parcelados, e com a promessa (eu disse
promessa e lembre da carga semântica negativa que essa palavra carrega no
Brasil) de um possível retorno financeiro com o comércio dos exemplares.

Um dado que não explica de todo este fenômeno, mas permite perceber
que ele está baseado na realidade e não apenas em uma experiência minha, é
o seguinte: pense em quantas editoras você conhece. Agora deixe eu contar
que, segundo o estudo “A Economia do Livro: A Crise Atual e uma Proposta de
Política”³², existiam ao redor de 3000 empresas registradas como editoras no
Brasil na primeira metade da década passada. E, deste total, mais de 500 delas
lançavam pelo menos 5 títulos por ano. O que publicam todas essas editoras?
Não responda, deixe-me trazer mais dois interlúdios subjetivos:

INTERLÚDIO SUBJETIVO #4

No ano de 2011, junto com os escritores Rodrigo Rosp e Antônio
Xerxenesky, ministrei minha primeira oficina de criação literária. Éramos
contratados da Prefeitura de Canoas para dar aulas gratuitas para a
comunidade. Sendo sem custo para os interessados, confesso que esperava um
verdadeiro saco de gatos na sala de aula, pessoas com a mais variada formação
literária; muitos sem nenhuma aproximação com livros, inexperientes; outros
com algum aprofundamento. Porém, no primeiro encontro, uma inesperada

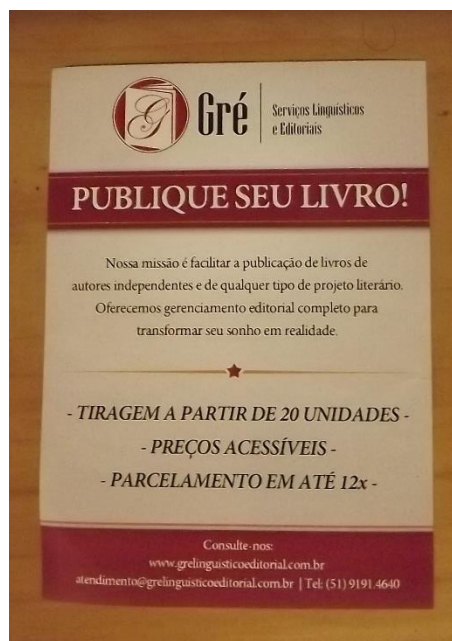
³² SÁ EARP, Fabio e KORNIS, George (2005). *A Economia do Livro: A Crise Atual e uma Proposta de Política*. Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em:
<http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/discussao/2005/a_economia_do_livro_a_crise_atual_e_uma_proposta_de_politica.pdf> Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.

homogeneidade se apresentou no grupo de alunos: naquele tradicional quebra-gelo, em que cada um dos participantes diz “Olá, sou Fulano, faço isso e aquilo e estou aqui porque...”, uma coisa me chamou a atenção: entre os vinte alunos, muitos deles na faixa entre os cinquenta e sessenta anos, não eram poucos os que diziam “Tenho cinco (seis, sete, oito) livros publicados e textos em dez (onze, doze, treze) antologias”. Em uma primeira olhada, era quase uma inversão completa: os alunos traziam no currículo três, quatro vezes mais publicações do que os professores. Mas por que eles estavam assistindo aula e nós ministrando? Mera arrogância da nossa parte e humildade de eterno aprendiz da parte deles? Bom, acho que você entendeu. Fim de interlúdio.

INTERLUDIO SUBJETIVO #5

Era o começo de 2013, eu havia retornado há pouco tempo para o Brasil, depois de um ano morando em Portugal e, por essas coisas da vida, fui convidado para participar da segunda edição da Feira do Livro da Zona Sul de Porto Alegre. Perguntei qual seria a atividade. Disseram “sessão de autógrafos”. Ainda que eu não tivesse um lançamento recente, topei o convite, estava decidido a voltar para o Brasil e me dedicar à literatura y sus alrededores. Vamos lá. A família da minha namorada mora na Zona Sul, meu pai tem amigos na região, conseguimos divulgar o evento para um número suficiente de pessoas (amigos, sejamos sinceros), que impedisse minha total solidão na praça localizada no Bairro Tristeza (sem nenhuma pretensão metafórica). Mas o que importa não é minha participação no evento. É minha companheira de Feira do Livro. Uma simpática senhorinha dos seus setenta anos (acho, espero que ela não leia isso). Já passava da meia hora da sessão de autógrafos (ficaríamos lá por uma hora), quando ela, sem ter vendido um livro ainda, puxou papo comigo. Sem tocar na ausência de público, começou a me falar dos seus livros, romances, crônicas, infantis; das editoras com as quais trabalhou; com qual é melhor fazer negócio; como escreveu esse livro, aquele outro livro, suas histórias de escritora. Passou uma hora, eu tinha autografado uma dúzia de livros. Minha companheira, nada. Comentei com meu pai, que circulava pelo evento, e, bom,

ela vendeu um exemplar. E me deu outro de presente. Um é de 2005, o outro de 2008. Ambos primeira edição. Fim de interlúdio.



*Recebi este folheto recentemente.
Quem publica nestas editoras?*

E eu poderia enfileirar dezenas de histórias para especular do que vivem a maioria das empresas registradas como editoras no Brasil. Mas, em resumo, é isso: muitas delas – e falo a partir de minha experiência de conviver durante dez anos dentro do universo das oficinas literárias e periferia do mercado editorial, como tentei demonstrar com os interlúdios subjetivos anteriores – oferecem nada mais do que isso: Publique seu livro! Ou seja, o sonho do livro próprio com seu nome na capa e na lombada a módicas prestações, sem entraves, sem conselhos editoriais, sem chateações; ou produzem antologias de oficinas, de grêmios e de partenons literários. Na maioria das vezes, fazem tudo isso. E assim permitem que todos aqueles que se cansam de não receber retornos das editoras ditas consagradas (ou que sequer as procuram), mas que ainda acreditam que seu texto merece e deve ser impresso em livro, que todos estes lancem-se como escritores. E façam noites de autógrafos, e sirvam vinho e enviem convites. E tornem-se, assim, muitos deles, novíssimos Escritores Encaixotados.

Câmara Brasileira de Jovens Escritores *Dr. Letras*
 CNPJ 08080745/0001-10 - Rua Marquês de Muritiba 865/201 - Rio de Janeiro - RJ - Cep: 21910-280 - Telefax: (21) 3393-2163
 Fundada em 29 de dezembro de 1986
 www.camarabrasileira.com - www.camarabrasileira.com.br

O mais completo e diversificado
 Painele de Novos Talentos
 da Literatura Brasileira

Regulamentos	Quem somos	Como adquirir
Galeria	Edições anteriores	Publique seu livro
Entrevistas	Livros eletrônicos	BrLetras

Primeira vez neste site? Então [\[clique aqui\]](#) para conhecer um pouco da CBJE

29/12/1986 **CBJE - 28 anos semeando talentos** **29/12/2014**

PUBLIQUE SEU LIVRO!! Novo telefone do Deptº Editorial: (21) 3547-2163

Enfim, uma oportunidade para novos escritores!

Digite no Google, por exemplo, a frase: "Publique seu livro". (eu fiz isso). Você vai encontrar as mais diversas opções para realizar o seu sonho.

ALL PRINT EDITORA
 Entre em contato (11) 2478-3413 (13) 3465-0211
 "Um país se faz com homens e livros" (Miguel Labat)

HOME | ÁREA DO CLIENTE | PUBLIQUE SEU LIVRO | ORÇAMENTO | EVENTOS | VÍDEOS | BLOG

Informação

Publicar livro online

18º Biental Internacional do Livro do Rio de Janeiro 2013

22º Biental Internacional do Livro de São Paulo

Agenda 2013 - POESIAS E PROSAEMITIDOS

Antologia Especial Biental De Minas Gerais

Antologia Especial Biental De São Paulo

Biental do Livro Minas Gerais

Como editar um livro

Como Faço para publicar um livro

Publique seu Livro

Quer publicar o seu livro?

Então já vai preparando sua nota de autógrafo! Envie seu texto por e-mail e receba o livro pronto em sua casa.

A ALL PRINT EDITORA presta todo o suporte para edição e venda de seu livro (alguns serviços são opcionais):

- Redação de texto
- Digitação
- Escaneamento e tratamento de imagens
- Diagramação
- Criação da capa
- Registro do livro junto à Biblioteca Nacional (BNB)
- Fluxo de catalogação junto à Câmara Brasileira do Livro
- Fichário
- Impressão e acabamento
- Pequenas ou grandes tiragens a partir de 50 exemplares
- Opções de acabamento: capa laminada, brochura, capa dura
- Miolo: Papel off set 70 gramas, 80 gramas, pólen, couché
- Formatos: A4, 20x20, 16x22, 12x19 etc.
- Livros com fotos, agendas, tabelas, firmadas etc.
- Impressão em acabamento de sobremesa
- Suporte nas vendas e distribuição
- Canais de lançamento
- Marcadores de texto

Escritor Encaixotado – eu disse que explicaria – porque, até pouco tempo atrás, era uma espécie de senso comum a ideia de que ser escritor incluía necessariamente que o aspirante a escritor visse seus originais publicados em livro. E que, em tendo o livro publicado, pronto, você seria um escritor.

Contudo, quando o mundo da autopublicação (que não nasceu ontem, apenas aperfeiçoou seus meios e barateou os custos) trouxe um atalho e tantos lançam tantos livros por pequenas editoras ou produzidos por gráficas especializadas, surge este imenso e crescente grupo de autores que se frustram não mais por não terem seu próprio livro. Mas por este acontecimento, por sua noite de autógrafos, por todo seu esforço, redundar em total invisibilidade. Ou como diz Dalcastagnè por não gerar “efeitos no campo literário”. Frustração com o anonimato. E se Foucault nos lembra que “O anonimato literário não nos é

suportável”³³ enquanto leitores ou pesquisadores, penso que é muito menos suportável para aquele que se pretende autor.

E esta desilusão tende a ser insolúvel.

Porque, embora haja no campo da autopublicação editoras com aparatos mais profissionais que incluem até assessoria de imprensa e distribuição, isto não chega a ser suficiente para penetrar, que dirá se estabelecer, no campo literário. Na era dos *mass media* descrita por Sá, pertencer ao campo literário é quase uma tarefa de gincana, de estar sempre “reinventando-se” para usar uma palavrinha adorada nos nossos tempos.

Viver nessas sociedades é ter de encarar a obsolescência dos objetos. A máquina de lavar, o ferro de passar, a máquina de secar, a televisão de olhar. O livro de ler. Mais do que objetos programados para durar pouco, a obsolescência está dentro de nós, os consumidores. A obsolescência está no pensamento. Lidar com o efêmero é um dos grandes desafios da atividade literária/intelectual hoje.³⁴

Quer dizer, se por um lado há, então, inegavelmente maiores facilidades técnicas e menores preços para quem deseja ter seu próprio livro impresso, por outro lado, de que adianta toda esta acessibilidade em tempos de apetite voraz e universal pelo novo? Tempos em que, na sorte de se obter uma resenha em um jornal, tem-se a certeza de que ela, amanhã, será soterrada por novidades novíssimas em folha?

Como o Escritor Encaixotado, herdeiro direto do Escritor de Gaveta, com uma visão romântica sobre ser artista e ser escritor, abraçado em verdades como “o livro quando é bom acontece sozinho”, poderá construir-se como autor nestes tempos, em que:

não se trata mais de uma *concorrência* entre artes, tampouco de uma tomada de posição *alternativa* da literatura em relação apenas às outras artes. Ampliemos. Trata-se da inserção da literatura como uma alternativa à cultura dos *mass media* que convoca ininterruptamente a atenção do leitor-espectador.³⁵

³³ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2006, p. 50.

³⁴ SÁ, Sergio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 17.

³⁵ IDEM. *Ibdem*, p. 80.

Mas parece-me, de fato, que estou avançando ou me perdendo no assunto, quem sabe esteja botando as caixas de livros na frente dos bois. As discussões acima referem-se basicamente a como sobreviver em um campo literário cada vez mais complexo, restrito, sufocado e de confusa ou questionável significação.

Porém, acredito que o que faz do Escritor Encaixotado um legítimo encaixotado, é que dificilmente ele adentrará o campo literário. Ora, sabemos que o campo literário no Brasil, assim como o acesso a ele, é bastante restrito; há poucos leitores, pouco e decrescente espaço na mídia, mínimos e disputados espaços de legitimação – embora a academia demonstre nos últimos anos uma abertura inédita para escritores contemporâneos e vivos.

Brinca Rubem Fonseca com a realidade de leitura do Brasil – brincadeira importante, pois a dimensão do campo literário também é medida pelo volume de leitores:

Existem muitos estudos interessantes e extensos sobre o assunto, como o da ensaísta Leila Perrone-Moisés, em seu livro *Altas Literaturas* (Companhia das Letras, 1998). Uma coisa talvez esteja acontecendo: a literatura de ficção não acabou, o que está acabando é o leitor. Poderá vir a ocorrer este paradoxo, o leitor acaba mas não o escritor? Ou seja, a literatura de ficção e a poesia continuam existindo, mesmo que os escritores escrevam apenas para meia dúzia de gatos pingados?³⁶

A sensação recorrente é a de que no Brasil, aparentemente, há muito mais pessoas querendo se converter em escritores do que gente querendo ser um leitor – um desequilíbrio maluco no campo literário. E creio que esta seja uma sensação tão recorrente e tão repetida por todos os escritores (a velha piada, se todos os poetas comprassem os livros dos poetas, poesia seria best seller) que parece cada vez menos uma sensação e mais um cenário evidente e autocomprovado.

³⁶ FONSECA, Rubem. O romance morreu? In: *O romance morreu: crônicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, pp 8-9.



*“Veja:
eu sei
tomar café
como os
grandes
escritores.”*

Mas façamos dois comentários pessimistas sobre as possibilidades de acesso do escritor autopublicado ao campo literário via instituições de legitimação (mídia, academia, vitrines de livrarias), em especial através da mídia, pois como diz Sá, “Impossível pensar indústria cultural ou cultura de massa sem pensar em mídia”³⁷. A partir da minha observação das notícias do mundo cultural e do mercado editorial (assino a newsletter Publishnews³⁸ e costumo acompanhar as notícias do mercado via sites e Twitter), o autor autopublicado – primeiro passo para ser um Escritor Encaixotado –, no mais das vezes, só ganha espaço na mídia quando ele se trata de uma curiosidade, um exotismo, ou em pautas de negócios editoriais que em nada legitimam o autor como um “verdadeiro escritor”, alguém a ser lido. Matérias como *Os novos rumos da antiga*

³⁷ SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 26.

³⁸ www.publishnews.com.br

*edição de autor*³⁹, *Edição de autor*⁴⁰, *Novos autores apostam na autopublicação*⁴¹ e tantas outras preocupam-se mais em destacar o vovozinho que realizou o sonho de lançar um livro, ou sublinhar o fenômeno de mercado, ou em mostrar que existe alguém que já vendeu um milhão de livros autopublicando-se via Amazon. A literatura em si, e o aval legitimador para o produto artístico do escritor não aparecem. Na verdade, tais espaços de mídia tem um sabor de matérias de autoajuda, do tipo “Veja, você pode publicar e vender um milhão”.

E, se após receber suas caixas de livros parceladas em 12 vezes, o Escritor Encaixotado dificilmente conquistará espaço na mídia, também dificilmente o fará na academia. Como um exemplo rápido, trago uma contagem que fiz no site do Grupo de Estudos em Literatura Contemporânea Brasileira (grupo criado e sediado na Universidade de Brasília, que reúne professores e estudantes de algumas das principais universidades do país e também do exterior). Na programação do seu próximo grande evento que reunirá estudiosos em Paris e Oxford no começo de 2015, é possível contar 17 livros (ou nomes de autores) no título das comunicações previstas⁴². Destas 17 ocorrências, 14 são de editoras tidas como grandes ou universitárias; 1 é a editora de e-books E-galáxia que vem recebendo bom destaque na mídia desde sua criação em 2013; e as outras duas, Sulina (casa tradicional no Rio Grande do Sul nos anos 90, mas em hibernação nos últimos tempos) e a Aeroplano, do Rio de Janeiro, se não são casas de destaque no cenário nacional, estão longe de serem a típica editora do Escritor Encaixotado.

Quer dizer, o resultado da facilidade para publicar seu próprio livro passa longe, mas muito longe de ser facilidade para ser percebido como escritor. Aliás, um interlúdio subjetivo para encerrarmos este assunto:

³⁹ RODRIGUES, Maria Fernanda. *Os novos rumos da antiga edição de autor*. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,os-novos-rumos-da-antiga-edicao-do-autor,1549440> . Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

⁴⁰ SANCHEZ, Mariana. *Edição de autor*. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/viverbem/conteudo.phtml?id=958946> . Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

⁴¹ REIS, Fernanda. *Novos autores apostam na autopublicação*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/07/1488652-novos-autores-apostam-na-autopublicacao.shtml> . Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

⁴² GELBC. Disponível em: http://www.gelbc.com.br/atividades_andamento.html#Coloquiohttp://www.gelbc.com.br/atividades_andamento.html#Coloquio . Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.

INTERLÚDIO SUBJETIVO #6

Sou amigo dos donos de uma das principais livrarias de Porto Alegre, a Palavraria. Nesse espaço, noite sim, noite sim, há lançamentos de livros (basta acessar o site deles para conferir sua agenda), assim como ocorre em tantas outras livrarias do Rio, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte. E, em conversa sobre o tema com os proprietários, eles me afirmaram que não é raro haver lançamentos com a venda de menos de dez exemplares, apenas para meia-dúzia de amigos e parentes do autor. E o que acontece com o resto da tiragem? Certamente o autor terá que distribuir, trocar em sebos, dar um jeito de espalhar sua obra, mas, como disse o escritor amazonense Márcio Souza em entrevista ao jornal Rascunho, “É mais fácil você se livrar de um cadáver do que de mil exemplares”⁴³. É como se a impressão que vem nas caixas de livros, dizendo “Cuidado Livros”, fosse uma espécie de maldição: cuidado com o seu desejo de publicar um livro. Fim de interlúdio.



Em síntese: tão lugar-comum quanto dizer que há livros demais sobre escritores, é dizer que está se publicando muito. E um dos motivos para isso,

⁴³ SOUZA, Márcio. *Paio Literário Márcio Souza*. Jornal Rascunho, Curitiba, 2011 n. 137, pp. 20-21.

além do crescimento do mercado editorial brasileiro, parece-me evidente: é a multiplicação de Escritores Encaixotados, aproveitando-se (ou não) das facilidades para imprimir mil, quinhentos, trezentos exemplares.

É nesse contexto que arrisco afirmar que, sem querer querendo, ao construir a personalidade de Edmundo Dornelles, ao observar em que posição ele deveria estar para que a hipótese ficcional fosse verossímil, acabei mapeando este personagem que, se não é absolutamente novo, é muito pouco explorado na literatura nacional e bastante ignorado nos estudos sobre campo literário. Espécie de homem da multidão do campo literário, o Escritor Encaixotado está sentado, desde o início dos anos 2000, nas salas de oficinas literárias, na plateia das festas literárias, na fila de autógrafos de escritores reconhecidos, está até nas prateleiras de algumas livrarias. Mas você não lê.

Lembro-me de apenas ter visto menção a esta figura na ficção nacional como um coadjuvante do *Livro dos mandarins*, de Ricardo Lísias. Destaco os dois trechos onde o “Poeta Paulo” se revela com algumas características típicas do Escritor Encaixotado:

Meio casmurro, apesar do enorme talento, ele vacilou entre a faculdade de letras e de editoração, até por fim fazer as duas e não se dar bem em nenhum emprego relacionado a elas. Com um livro de poesia publicado por conta própria, o rapaz ainda tentou se inserir no mundo literário, mas por algum motivo que a mulher Paula não compreendeu muito bem, não conseguiu.⁴⁴

E mais um trecho:

As anotações vão desde o superfaturamento que acredita ter sido feito pela gráfica que imprimiu seu livro de poesia até as ligações escusas de algumas editoras com os jurados habituais dos prêmios literários no Brasil (no exterior ele não tem muita notícia, embora esteja progredindo nas pesquisas). Por isso, nunca consideraram o livro de poemas dele. Esses criminosos não leem edições independentes.⁴⁵

Afora esta participação especial na obra de Ricardo Lísias, não tenho lembrança de haver encontrado o Escritor Encaixotado em minhas leituras. Sá, em seu estudo sobre a reinvenção do escritor, destaca a existência do

⁴⁴ LÍSIAS, Ricardo. *O livro dos mandarins*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 188

⁴⁵ IDEM. *Ibidem*, p. 279

personagem-escritor em variados textos⁴⁶, como em *O duelo*, de Sérgio Sant’Anna⁴⁷, ou *Joana a contragosto*, de Marcelo Mirisola⁴⁸, e eu lembraria os recentes *Divórcio*, de Ricardo Lísias⁴⁹ e *Flores artificiais*, de Luiz Ruffato⁵⁰, entre tantos outros possíveis. Mas neste manancial de personagens-escritores, onde parecem estar todos (demasiadamente, saturadamente) representados, onde há o marginal, o maldito, o consagrado, o estabelecido, o frustrado com o sistema, é preciso notar que todos são reconhecidos por um outro, pelo público, pelo editor, por alguém, como sendo escritores. Todos foram aceitos no campo literário. Contudo, o Escritor Encaixotado, este ser que orbita na periferia do campo literário, com seu livro embaixo do braço para presentear um autor famoso e tentar enfim receber o convite para adentrar o sistema, não, não recordo mesmo dele.

E a lógica permite crer que, tampouco, futuramente esta figura virá a ser mais representada, que dizer vir a ganhar voz na literatura. Ora, Regina Dalcastagnè reforça em seu artigo que a existência de tantos grupos marginalizados ou excluídos da ficção brasileira é também resultado do restrito acesso ao campo literário nacional. É resultado de a figura do autor nacional possuir majoritariamente o perfil homem, branco, heterossexual, de classe média e urbano. Um desenho que reduziria as possibilidades de grupos sociais como negros, ou mulheres, ou gays, ou índios, por exemplo, assumirem a autoridade e assim construir vozes e protagonistas que os representem nas páginas da literatura. Numa equação simples:

excluído na sociedade = excluído na representação literária.

O que cria invisibilidade para os grupos excluídos. Porém, apesar de tudo, Dalcastagnè reconhece e aponta que o silêncio dos grupos sociais apagados da literatura nacional, mesmo que “raramente”, ele “pode ser quebrado pela produção

⁴⁶ SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

⁴⁷ SANT’ANNA, Sérgio. *O duelo*. In: *Contos e novelas reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp 331-356.

⁴⁸ MIRISOLA, Marcelo. *Joana a contragosto*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

⁴⁹ LÍSIAS, Ricardo. *Divórcio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

⁵⁰ RUFFATO, Luiz. *Flores artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

literária de seus próprios integrantes”⁵¹ [dos grupos sociais]. Quer dizer, quando as exceções à regra acontecem, digamos, um negro vindo da periferia ser aceito no sistema literário, é possível que ele coloque no papel protagonistas e narradores com este perfil pouco ou nada representado.

Entretanto, isso é possível para o Escritor Encaixotado? É possível surgir uma exceção fora da caixa? Eis a lógica perversa e impeditiva a qual eu me referia. Tenho a impressão de que, no caso do Escritor Encaixotado, estabelece-se um paradoxo quase insolúvel. Se a característica própria desse personagem e de seu grupo é não pertencer ao campo literário, mas apenas desejar ingressar nele e ser reconhecido como um escritor, a pergunta é: caso um integrante consiga vencer as barreiras que vedam o acesso e a sua legitimação, qual seria o resultado? Quem estaria falando? O que seria isso? Seria a voz de um escritor consagrado (ou profissional, ou Escritor com maiúscula) falando sobre o Escritor Encaixotado? Ou seria ainda a voz de um Escritor Encaixotado falando de si mesmo? Mas como, se ele não é mais encaixotado? Ele seria um traidor do seu involuntário movimento?

4. Um resumo do pequeno drama pessoal do Escritor Encaixotado

Esta figura que de fato circula por livrarias, ruas e calçadas, talvez seja o verdadeiro último romântico. Quer ser reconhecido como Escritor porque escreve, porque é homem ou mulher de gênio. E dificilmente entenderá que, hoje em dia, cada vez mais, o ser escritor (no sentido de ser reconhecido pelo outro enquanto tal), envolve uma dose de esforço que vai além da escrita. Como diz Silviano Santiago (um pouco pragmático demais), “o livro é uma ponte para você ser convidado para uma entrevista”⁵². Ou ainda, lembrando Bourdieu:

as ocupações ditas de subsistência que são oferecidas pela própria profissão, como as de leitor ou revisor nas editoras, ou por instituições aparentadas, jornalismo, televisão, rádio etc. Esses empregos (...) têm

⁵¹ DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 15. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.

⁵² SANTAGO, Silviano apud SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 22.

a virtude de colocar seus ocupantes no coração do "meio", ali onde circulam as informações que fazem parte da competência específica do escritor e do artista, onde se estabelecem as relações e se adquirem as proteções úteis para chegar à publicação, e onde se conquistam, por vezes, as posições de poder específico – as situações de editor, de diretor de revista, de coleção ou de obras coletivas – que podem servir para o aumento do capital específico, através do reconhecimento e das homenagens obtidos da parte dos recém-chegados em troca da publicação, do apadrinhamento de conselhos etc.⁵³

Podemos especular que o romântico Escritor Encaixotado, de dentro da sua caixa não consiga ver, ou não queira ver, um cotidiano pragmático nas coisas da literatura. Ele gostaria de crer que basta escrever bem, basta ter talento (como se houvesse uma métrica definidora do que seja isso) para receber os louros intelectuais.

Aliás, Regina Dalcastagnè, dissertando sobre os significados de ser autor, ser escritor, ser representado na literatura, enfim, sobre o significado de acessar de fato o sistema literário, também frisa que:

O fundamental é perceber que não se trata apenas da possibilidade de falar – que é contemplada pelo preceito da liberdade de expressão, incorporado no ordenamento legal de todos os países ocidentais – mas da possibilidade de “falar com autoridade”, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido.⁵⁴

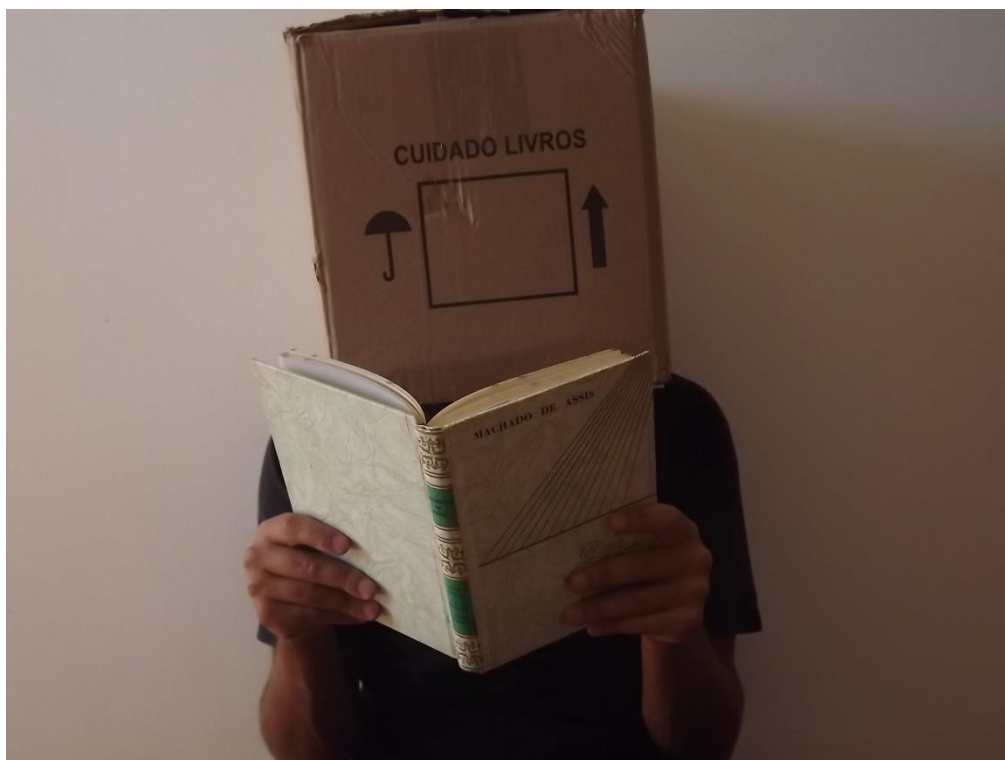
Talvez possamos pensar na autopublicação como isso: uma ferramenta cada vez mais acessível da liberdade de expressão. Assim como um blogue. Ou um perfil em uma rede social. Amigo, escreva o que quiser. Publique o que quiser. Você pode. A constituição e as novas tecnologias oferecem isso para você. Porém, muitos representantes dos Escritores Encaixotados supervalorizam a autopublicação. Veem nesta facilidade muito mais do que uma ferramenta nova da liberdade de expressão. Reconhecem neste instrumento a oportunidade que faltava para encontrar seu papel de autoridade no meio literário. Mais do que liberdade de se expressar, acreditam ter encontrado o direito a ser reconhecido. Mas não, isso não está em regra nenhuma. Essa conquista é tortuosa e nada

⁵³ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 257

⁵⁴ DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 17. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.

específica. E a realidade vem comprovando que, assim como o Escritor de Gaveta sempre teve o direito de expressão para reclamar do seu não acesso ao sistema literário, agora o Escritor Encaixotado tem este mesmo direito, mas pode fazê-lo com seu próprio livro debaixo do braço, sentado sobre as caixas que acumula em casa. Porém sem nenhuma autoridade institucionalizada.

Contudo, acredito que o não acesso ao campo literário não se constitui no maior sofrimento do Escritor Encaixotado. Há algo mais doloroso aí.



"Mas eu li todos os clássicos. Eu sei fazer."

5. O verdadeiro drama do Escritor Encaixotado

Sim, ele gostaria de sair de dentro das caixas direto para os palcos das festas literárias, para as fotos nos cadernos culturais, para as declarações nos programas de literatura na TV a cabo. Mas anseia tais realizações porque esse nível de reconhecimento seria a tradução de algo maior, o que ele realmente acalanta. Volto ao texto de Dalcastagnè,

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão,

acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque a definição de “literatura” exclui suas formas de expressão. Ou seja, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros.⁵⁵

O Escritor Encaixotado, ao contrário dos grupos comentados no artigo da professora Regina Dalcastagnè, embora também não tenha acesso ao campo literário, nem por isso se julga incapaz de produzir literatura, o que está definido como literatura. Eis o drama. Não há esse apequenamento, essa sensação de inferioridade que pessoas, por exemplo, com menor nível de instrução ou distantes dos grandes centros podem sentir. Nada disso. Muito pelo contrário. Se Sá, ao traçar o panorama do escritor em fins de século vinte e início do vinte e um e sua representação na figura do personagem-escritor, cita a música do Los Hermanos para dizer que “ele ‘não quer ser mais um vencedor’”⁵⁶, lembrando que este “narrador conta a experiência de ser escritor numa sociedade informada (...) discute a literatura dentro da ficção. Porque o espaço para esse debate, fora da página, ou é pouco ou não inclui o próprio autor”⁵⁷, penso que o Escritor Encaixotado, tanto na vida real, quanto na sua representação ficcional, sofre ainda mais porque ele quer sim ser um vencedor. E isso significa converter-se no estereótipo de escritor idealizado por ele. Não quer romper, não quer proporcionar quebras estéticas. Numa Síndrome de Bartleby às avessas, ele prefere sim, publicar; prefere sim, fazer a literatura como a que se acostumou a ler. Digo, num mini-interlúdio subjetivo, que já assisti de camarote vários Escritores Encaixotados, e sei que anseiam o beletrismo, a literatura bonita, bem feita.

Portanto, não ter acesso ao campo literário (assim como não possuem os outros grupos os quais, estes sim, se julgam com o domínio precário das coisas da literatura), isto é o mais dramático para os ressentimentos que ele acumula em caixas e mais caixa mentais. Porque, em muitos casos, o Escritor Encaixotado julga-se altamente capaz de produzir literatura de verdade, tanto que se permite investir cinco, dez mil reais, para trazer à luz a obra do seu talento. E no entanto é percebido – ou

⁵⁵ DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 17. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.

⁵⁶ SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 88.

⁵⁷ IDEM. *Ibidem*, pp. 88-89.

melhor, não percebido – pelas instituições legitimadoras como se tivesse o maldito “domínio precário” do fazer literário. Ele se julga parte da literatura, porém a literatura (seja lá o que for isso) não concorda com ele. Faz lembrar aquela cena estereotipada de filmes americanos, tantas vezes já vista: a disputada fila para entrar em uma festa VIP, descolada, da moda. Na porta da festa, um segurança parrudo, olhando de cima abaixo cada um que se aproxima, seleciona quem pode e quem não pode entrar no evento, de acordo com o aspecto e o figurino do candidato a VIP. O Escritor Encaixotado se veste com suas caixas de livros e tem certeza de que está pronto, é um autor publicado, pertence à festa, investiu para estar lá. Mas o segurança, mais do que barrá-lo, sequer o percebe, escondido que o Escritor Encaixotado está por trás das caixas. Ninguém vê o Escritor Encaixotado. É como se ele estivesse escondido dentro das próprias caixas em um sobsolo ou em um sótão onde ninguém quer ir; espaço nada nobre, desconhecido do edifício do campo literário. Porém fundamental para que na sala, debaixo das luzes, o campo siga sua própria lógica sem tropeçar em caixas ou entulhos.



*Desculpe,
mas o
senhor
não tem o
dress code
da festa.
É muito
menos,
nome na
lista.*

6. Uma nota final a título de conclusão ou coisa parecida

Em meu romance *Só faltou o título*, não procurei tratar diretamente sobre o acesso ou a tentativa de acesso na tal festa do campo literário. Não é sobre isso. Em verdade, a escrita deste romance parte de outras preocupações estéticas e literárias também fruto desse mesmo campo literário cheio de personagens-escritores. Quero dizer, do cenário da nossa literatura contemporânea, o qual só tenho condições de avaliar parcialmente porque é impossível ler tudo, mas que me permite deduzir um panorama que torna bastante atual esta citação:

Haverá – não duvidemos – uma transformação antes do fim do século. Farta da tagarelice moral exaustiva, dos que não possuem sequer o espírito de exagerar, nem o gênio da ficção; enfastiada desses inteligentes personagens, cuja memória aproveita as reminiscências e cujas frases, limitadas pela verossimilhança, podem ser confirmadas por qualquer filisteu presente, a Sociedade, cedo ou tarde, voltará ao leader perdido: o fascinante e refinado Mentiroso!⁵⁸

Ou ainda:

Uma das principais causas da banalidade de quase toda literatura atual é certamente a decadência da mentira considerada arte, uma ciência e um prazer social. Os antigos historiadores apresentavam-nos deliciosas ficções sob a forma de fatos; o moderno romancista oferece-nos fatos estúpidos à guisa de ficções.⁵⁹

Estas citações centenárias de Oscar Wilde, parece-me, dizem sobre uma parcela do que é produzido hoje. Mas não só fala da literatura. Aludem ao tempo em que vivemos. A literatura não está fora do tempo. Pode olhar para ele, jamais retirar-se dele. E o nosso tempo é o da sociedade do espetáculo de Guy Debord,

⁵⁸ WILDE, Oscar. *A decadência da mentira e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 43

⁵⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 28.

mas também, já numa dobra, é o da *Civilização do Espetáculo* tão bem descrita em alguns ensaios de Mario Vargas Llosa como neste trecho:

O que é privado em nossos dias? Uma das consequências involuntárias da revolução informática foi a volatilização das fronteiras que o separavam do público, confundindo-se ambos num *happening* em que todos somos ao mesmo tempo espectadores e atores, em que nos exibimos reciprocamente, ostentamos nossa vida privada e nos divertimos observando a alheia, num *strip-tease* generalizado no qual nada ficou a salvo da mórbida curiosidade de um público depravado pela necessidade.⁶⁰

Ou neste:

A fantástica acuidade e versatilidade com que a informação nos transporta hoje para os cenários da ação nos cinco continentes conseguiu transformar o telespectador num mero espectador, e o mundo num vasto teatro, ou, melhor, num filme, num *reality show* com enorme capacidade de entreter, onde às vezes somos invadidos por marcianos, são reveladas as intimidades picantes das pessoas, de vez em quando são descobertas valas comuns com bósnios sacrificados de Srebrenica(...)⁶¹

Claro, para quem leu o livro de Llosa, que é importante relativizar ou até discordar de algumas opiniões do peruano, nas quais ele pesa a mão e que não são o assunto desse ensaio. Então fico com este resumo simples: quanto mais real, melhor. Youtube, Facebook, sites de notícias o tempo todo, os reality: é espetáculo porque é novo e porque é verdadeiro.

E, se no começo deste ensaio, pergunto por que escrever hoje em dia, por que desejar isso, e se Sá diz que:

A decisão de ser escritor não vem mais da descoberta da fantasia nas páginas dos livros. O cinema e a televisão concorrem com o que Sylvia Mollou chama de “a cena de leitura”, momento epifânico de contato com o livro e, mais adiante, com a escritura. Os escritores contemporâneos passam a descobrir a literatura por meio da ficção audiovisual (...). A cena iniciática ganha assim adesões audiovisuais.⁶²

E se tudo isso e embora eu concorde com o poder avassalador da narrativa audiovisual em nossas vidas de nascidos às vésperas do século vinte

⁶⁰ VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 140.

⁶¹ IDEM. *Ibidem*, pp. 201-202.

⁶² SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 30.

e um, ainda assim, se é que posso confiar em minha memória, tendo a lembrar como impulso primeiro para a minha escrita, a vontade de inventar outras ficções como as que li de Luís Fernando Verissimo. E falo de textos como *Ed Mort*, *Analista de Bagé*, *Mais palavrado*, *Sfot-poc*, não das comédias da vida privada. Ficcionalidade na veia. Exagero. Mentira. Subverter a linguagem. Fazer o outro crer, imaginar ou considerar a hipótese de.

Mas essa é também a beleza de escrever. É abrir uma trilha, uma picada, por entre nossas ideias, partindo de cada texto planejado. E, por mais que se saiba onde quer chegar, paisagens vão surgindo, horizontes insuspeitos vão nos surpreendendo. E a caminhada até o ponto desejado (quando se sabe o final de antemão, e em *Só faltou o título* eu sabia, o desafio era descobrir o caminho até este ponto desejado) vai acumulando histórias, significados, questões imprevistas, como a lama embaixo dos sapatos, o pó e o suor impregnados na pele e nas roupas.

Quer dizer, comecei a escrever *Só faltou o título* com um “e se?” muito simplinho, uma pergunta assim: “e se um escritor achasse a literatura insuficiente para fazer ficção e resolvesse praticar isso na vida?”. E então outra pergunta “e se esse cara conseguisse se incriminar por algo que não fez?”. Imagino que era essa a mentira que eu queria contar.

Porém, para contar essa mentira, Edmundo Dornelles precisou nascer. E precisava de motivos, de motores, de neuroses e desejos, que não fossem apenas uma loucura caricata, para fazer o que fez. E assim, por acidentes da literatura, comecei a dotá-lo dessas motivações e desses ressentimentos que, possivelmente, assisti surgir ao vivo muitas vezes nos Escritores Encaixotados com que cruzei pelo caminho. Os empurrões para mover Edmundo, (personagem-quase-escritor ou personagem-escritor?) a tomar algumas atitudes que escapam de temas do campo literário (assim quero crer), entrando em contato com questões maiores, acredito.

Contudo, ainda assim, gosto de pensar que, ao correr o risco de fazer algo que poderia ser taxado de “mais um livro sobre escritores”, partindo de motivações outras, diversas dos campos de análise sociológica da literatura, acabei, por uma sutileza, por um pequeno desvio no olhar, quase sem querer, encontrando este personagem raro. Esse sujeito branco, classe média, heterossexual e escritor (à sua maneira), que, na sua descrição socioeconômica,

habita o centro do romance contemporâneo brasileiro. Mas que, no caso específico de *Só faltou o título*, paradoxalmente, corporifica e representa um grupo excluído, ainda não representado na ficção nacional e pouco, ou nada, percebido na sociedade e no campo literário: o nosso amigo, o Escritor Encaixotado.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Poética. In: *Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. A escrita do eu. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre. Disponível em:
<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/10/luiz-antonio-de-assis-brasil-a-escrita-do-eu-4292500.html>> Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.
- BALZAC, Honoré de. *As ilusões perdidas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BARTHES, Roland. O escritor em férias. In: *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CARVALHO, Bernardo. *Teatro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 41. Disponível em
<<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.
- FONSECA, Rubem. O romance morreu? In: *O romance morreu: crônicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2006.
- GELBC. Disponível em:
http://www.gelbc.com.br/atividades_andamento.html#Coloquiohttp://www.gelbc.com.br/atividades_andamento.html#Coloquio . Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.
- HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*. Porto Alegre: L&PM, 2010
- KIEFER, Charles. Ser escritor. In: *Para ser um escritor*. São Paulo: Leya, 2010.
- LÍSIAS, Ricardo. *O livro dos mandarins*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- _____. *Divórcio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- MIRISOLA, Marcelo. *Joana a contragosto*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- PUJOL FILHO, Reginaldo. *Só faltou o título*. Dissertação (Mestrado em Letras/Escreta Criativa) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015 (previsão de defesa).

REICH, Wilhelm. *Escute, zé-ninguém*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

REIS, Fernanda. Novos autores apostam na autopublicação. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/07/1488652-novos-autores-apostam-na-autopublicacao.shtml> . Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

RODRIGUES, Maria Fernanda. *Os novos rumos da antiga edição de autor*. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,os-novos-rumos-da-antiga-edicao-do-autor,1549440> . Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

RUFFATO, Luiz. *Leia a íntegra do discurso de Luiz Ruffato na abertura da Feira do Livro de Frankfurt*. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463> . Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

_____. *Flores artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SÁ EARP, Fabio e KORNIS, George (2005). *A Economia do Livro: A Crise Atual e uma Proposta de Política*. Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/discussao/2005/a_economia_do_livro_a_crise_atual_e_uma_proposta_de_politica.pdf Último acesso em: 14 de dezembro de 2014.

SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

SANCHEZ, Mariana. *Edição de autor*. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/viverbem/conteudo.phtml?id=958946> . Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

SANT'ANNA, Sérgio. O duelo. In: *Contos e novelas reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp 331-356.

SOUZA, Marcio. *Paio Literário Márcio Souza*. Jornal Rascunho, Curitiba, 2011 n. 137.

TORRES, Bolívar. *Autores discutem prós e contras da exposição em eventos literários*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/autores-discutem-pros-contras-da-exposicao-em-eventos-13540795> . Último acesso em 14 de dezembro de 2014.

WILDE, Oscar. *A decadência da mentira e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Imago, 1994

VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VERISSIMO, Luis Fernando. Pôquer interminável (I). In: *O analista de Bagé*, Porto Alegre: L&PM.

BIBLIOGRAFIA AFETIVA

Não, *Só faltou o título*, não é um romance histórico, não é um romance reportagem, não é nada do que se espera que traga no fim uma bibliografia ou fontes de pesquisa. Mas, tendo em vista que esta narrativa foi escrita no âmbito de um mestrado em Escrita Criativa, e que o processo de criação é sempre uma pesquisa – às vezes mais subjetivo, às vezes menos – quero fazer homenagem a estas fontes que, por coisas da ABNT e do prazer da leitura, não mereceram o destaque das notas de rodapé, dos asteriscos, dos parágrafos recuados. Obras que li, que reli ou que descobri ao longo do percurso e às quais recorri (muitas vezes no claro intento de pesquisa e de diluição de dúvidas) e que, quero acreditar, formam o DNA do meu livro. É possível, claro, que os livros da vida, aqueles que formam um magma no cérebro da gente e talvez condicionem tudo o que pensemos sobre literatura (e viver) existência afora (no meu caso, penso em Gonçalo M. Tavares, Verissimo, Ítalo Calvino, Machado, Amílcar Bettega, Borges e tantos outros), ao seu modo discreto, também tenham se escondido nas minhas linhas, porém não posso afirmar. Mas vamos a essa bibliografia de uma vez por todas:

BALZAC, Honoré de. *As ilusões perdidas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CAMUS, Albert. *A queda*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1960.

CARVALHO FILHO, Luís Francisco. *Nada mais foi dito nem perguntado*. São Paulo: Editora 34, 2001.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *Um jogador*. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. *Crime e castigo*. São Paulo: Abril, 2010.

DÜRRENMATT, Friedrich. *Justiça*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: *Obras completas de Sigmund Freud – Volume X*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1950.

HAMMETT, Dashiell. *O falcão maltês*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

KLEIN, Melaine e RIVIERE, Joan. *Amor, ódio e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

RODRIGUES, Paulo. *As vozes do sótão*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

WILDE, Oscar. *A decadência da mentira e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Imago, 1994

VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

AGRADECIMENTOS

A turma gosta de botar os agradecimentos lá no início, antes de tudo, talvez numa ideia de “Ó, antes de mais nada, quero agradecer a vocês”, mas, sabe, sempre gostei mais de agradecer só depois do texto. Já fiz assim em livros. Acho que é o seguinte, é para o agradecido, se tiver a paciência de ler, perceber, “Pô, ele tá me agradecendo por essas trezentas e tantas páginas, que legal”. Meio que curtir a trajetória toda e depois poder ouvir “Viu, se não fosse tu”. Então, explicado o porquê de vocês estarem aqui no finzinho, que é onde termina a maratona e onde a gente finalmente corre para o abraço (já imaginou um maratonista correndo para o abraço logo na chegada?), vamos lá:

Claro que a Jajá, sempre, que me leva pra frente mesmo quando não sabe, quando nem imagina e faz do tempo mais difícil uma sexta-feira; E a minha família (Seu Pujol, Dona Regina, Tina, Rafa e Luiza) que entende meus motivos para desaparecer tantas vezes, mas em especial, agradeço meu pai que, em agosto de 2011, me disse “Cara, tu tem idade pra mudar de vida mais umas duas vezes”, e eu lembro disso todo dia (mas não pretendo mudar mais tanto assim); Kiefer, desde 2006 me dizendo para vir para a PUCRS; Meu dileto orientador, Ricardo Araújo, el Barberena, volante argentino sempre que preciso, extra-classe o resto do tempo. Ricardo Lísias, pelo entusiasmo da primeira leitura na qualificação; O grupo do Kralik (incluindo o Kralik, essa espécie de padrinho nosso), ou seja: Andrea, Baldi (por todos os detalhes e cafés), o histórico Cabeda, Camila (que eu queria que tivesse revisado tudo isso), Davi (gaúcho honorário, palestrante do T9), incansável Moema, Guilhermes Bica & Castro, Ju, Leo, Luís, Natasha, Natália, Pati, my translator Patrick Holiday, Rickie Ling Ling Kroeff e Rodrigo Trujillo, que conheceram o Edmundo desde o berço e sempre quiseram o melhor para ele; Mais um agradecimento ao Guilherme Bica e seu ilustre pai, o Doutor Bica Machado Filho, meus consultores jurídicos incansáveis; assim como o Vladimas (Doutor Vladimir Antunez Bertiz) que parou quase uma tarde inteira para me explicar o tribunal do júri; e o Juiz Felipe Keuncke de Oliveira que me recebeu tão bem no tribunal (e pediu um livro, espero poder entregar); Grupo do Barberena (que não cabe num parêntese), pelo banho de leituras e discussões; Antônio, Tony, o Xerxenesky por me ceder os direitos de uso de “platelminto” e me lembrar de Orson Welles; Doutor Estevan pelas

sugestões de leituras, diagnósticos e bom humor; Carlos André Moreira por aquele balaio de resenhas (um dia te mostro o que produzi com elas); os professores todos com quem estudei ou participei de projetos na Fale; os colegas que foram tantos; Ricardo Soletti, gênio do humor, que nem imagina que roubei sua frase “Esse aí, se tropeçar sai pastando o rodapé”; Renato Papito Menegotto, Márcia e Fátima Fafá Mussi Carneiro Monteiro, por olharem com tanto carinho para essa etapa da minha vida; Rodrigo Rosp por estas caixas, estas caixas (e por não me deixar ser um Encaixotado); e, por fim, a toda a Faculdade de Letras (Professora Regina, Assis, Ana Mello, todos) por correrem o risco de apostar nesta que, para mim, é a primeira de todas as pesquisas literárias, a Escrita Criativa.